

PERFIL FINANCEIRO DAS EMPRESAS BRASILEIRAS OPERADORAS DE PLANOS DE SAÚDE: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

Claudinéia Kudlawicz

Mestra em Contabilidade – UFPR
claudineia09@yahoo.com.br

Jose Luiz dos Santos

Mestre em Contabilidade – UFPR
iuscivili@bol.com.br

RESUMO

O setor de saúde privada caracteriza-se por possuir uma legislação específica e por empresas semelhantes entre si. Além dessas semelhanças, tem seus indicadores financeiros calculados e avaliados pela ANS para uma melhor monitoração e visando a continuidade das empresas que compõem o setor. Este artigo objetiva identificar o perfil financeiro das empresas Operadoras de Planos de Saúde, através de alguns indicadores respaldados na literatura. Optou-se por realizar um estudo exploratório nas empresas do setor, regulamentadas pela Agência Nacional de Saúde – ANS. Os dados foram coletados diretamente do *site* da ANS e referem-se a todas as empresas que disponibilizaram suas informações no ano de 2010, perfazendo um total de 721 empresas. Para a identificação do perfil deste setor, foi utilizada a técnica estatística Análise Fatorial e com o auxílio do programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 17.0, foram identificados os fatores principais e encontrados os perfis dessas empresas. Aplicou-se inicialmente a técnica a um conjunto de 15 indicadores, para a seleção e redução dos mesmos, sendo necessária a eliminação da análise de alguns indicadores que não estavam de acordo com o modelo. Ao final, constataram-se alguns fatores que vão compor o perfil financeiro e a classificação do desempenho das mesmas.

Palavras-chave: Desempenho; Saúde Privada; Indicadores de desempenho.

1 INTRODUÇÃO

As empresas buscam criar uma vantagem competitiva sustentável para sobreviver em um ambiente de maior acirramento da concorrência. Isto implica num melhor desempenho financeiro, desempenho este que deve ser monitorado e melhorado cada vez mais.

As empresas do setor de serviços, mais precisamente as empresas Operadoras de Planos de Saúde, não se fazem diferente, pelo contrário, são avaliadas e monitoradas pela agência reguladora. Após anos sem regulamentação deste setor, foi criada a Agência Nacional

de Saúde Suplementar – ANS, vinculada ao Ministério da Saúde, que tem por finalidade regulamentar e fiscalizar as operadoras e que também tem o poder de intervir quando as mesmas estiverem em desacordo com as exigências impostas, mantendo desta forma, a qualidade e a garantia do atendimento aos beneficiários dos planos de saúde das operadoras. A regulamentação do setor foi trazida pela Lei 9.656 do ano de 1998 e a criação da Agência Nacional de Saúde foi dada pela lei 9.961 do ano de 2.000.

Para poderem atuar na área de planos de saúde, as empresas precisam de autorização da ANS, têm seu desempenho avaliado anualmente pelo Programa de Qualificação da Saúde Suplementar da ANS (ANS 2009) e precisam manter uma boa saúde financeira para atender os requisitos e manter a continuidade da empresa, tendo em vista que a ANS tem poder de intervir na administração ou até mesmo determinar a descontinuidade do empreendimento.

O desempenho financeiro das empresas pode ser medido através de índices extraídos das suas informações contábeis. A importância desse processo de avaliação é caracterizada por meio da informação, levando em conta que o que é medido pode ser gerenciado, desta forma, para gerenciar uma organização necessita - se de um processo de avaliação de desempenho, podendo ser formal ou informal.

Devido à importância de se ter um bom desempenho, indaga-se nesta pesquisa: **Qual o perfil financeiro das empresas Operadoras de Planos de Saúde?** Com base neste questionamento, este estudo objetiva identificar o perfil financeiro das empresas Operadoras de Planos de Saúde.

A escolha por este estudo fundamenta-se, justifica-se e passa a ser relevante devido à ausência de publicação, no âmbito acadêmico, sobre o tema, bem como, a necessidade de se divulgar a existência ou não de fatores que possam identificar o perfil dessas empresas. Esta pesquisa contribui ainda para a análise de se manter ou não determinado empreendimento com poucos beneficiários em sua carteira.

Destaca-se ainda, que as condições de mercado podem afetar as empresas que atuam como operadoras de planos de saúde principalmente em relação ao comportamento da economia e à saúde financeira de quem possui o plano de saúde. Tendo em vista que podem vir a ser cortados por empresas e pessoas em dificuldades financeiras, podendo afetar até mesmo o porte da mesma.

Em linhas gerais, este artigo está estruturado da seguinte forma: primeiramente faz-se uma discussão teórica acerca do desempenho, a estrutura e as dimensões dos indicadores

financeiros e sobre o setor de saúde privada; em seguida são apresentados os procedimentos metodológicos adotados e são descritos a coleta e o tratamento dos dados; e por fim, é feita a análise dos resultados e as considerações finais acerca dos resultados da pesquisa.

2 MARCO TEÓRICO-EMPÍRICO

No referencial teórico do estudo são apresentados os principais conceitos inerentes à temática desta pesquisa tais como o setor de saúde privada – planos de saúde, a estrutura e as dimensões empíricas dos indicadores financeiros.

2.1 O SETOR DE OPERADORAS DE PLANOS DE SAÚDE NO BRASIL

Desde 1998, as empresas operadoras de planos de saúde estão submetidas à regulamentação dada pela Lei 9.656, na qual apresenta diretrizes para o setor, os tipos de empresas que podem atuar neste ramo de atividade, os parâmetros para se conseguir autorização de funcionamento entre outros. Mas foi através da Lei 9.961 do ano de 2.000 que foi criada a Agência Nacional de Saúde Suplementar, com a responsabilidade de fiscalizar o setor, autorizar o funcionamento de empresas, autorizar o aumento nos preços, assim como inclusão de novos planos de saúde.

Ao findar o ano de 2010, o setor contava com 1.045 Operadoras de Planos de Saúde com beneficiários em sua carteira, espalhados por todo o território nacional. O total de beneficiários chegou no mesmo ano a uma quantia de 45.717.629, aproximadamente 25% da população brasileira (ANS, 2011, p. 19). Devido à grande expressividade do setor, fez-se necessário uma maior fiscalização e regulamentação, encargo da Agência Nacional de Saúde Suplementar.

Desta forma, outra finalidade de suma importância da agência reguladora do setor está o fato da mesma proceder a avaliações periódicas das Operadoras, sendo no âmbito financeiro, estrutura e operação, atenção à saúde e satisfação dos beneficiários. Esta avaliação e classificação são realizadas com o intuito de elevar os níveis dos procedimentos cobertos pelos planos de saúde privados e garantir que os beneficiários sejam atendidos pelas mesmas. Fica sob a responsabilidade do Programa de Qualificação da Saúde Suplementar (ANS 2009) esta avaliação, que trouxe importantes mudanças para melhorar o setor, que hoje conta com

³² Conhecimento Interativo, São José dos Pinhais, PR, v. 7, n. 1, p. 30-47, jan./jun. 2013.

critérios para o ingresso no mercado e para o seu funcionamento, acompanhamento de seu desempenho e maior conhecimento do setor.

Torna-se evidente que as empresas que atuam neste ramo precisam modificar e monitorar suas estratégias tanto de competição como de desempenho, isto em virtude de precisarem apresentar suas contas trimestralmente e uma consolidação anual das mesmas, pois é através destas informações que terão seus indicadores calculados e monitorados. Ainda precisam manter sua saúde financeira em boa qualidade para não correrem o risco de ter suas atividades encerradas pela ANS, que segundo a Lei 9.961 em seu artigo 4º, dá poderes a agência reguladora do setor para estabelecer parâmetros e indicadores de qualidade, proceder com a liquidação extrajudicial e procedimentos de recuperação financeira das mesmas, se tais empresas não estiverem de acordo com as metas estipuladas.

Por se tratar da saúde dos beneficiários, não se pode cogitar a hipótese de descontinuidade do plano ou da empresa, visto que pode levar a danos irreversíveis na saúde e na vida do beneficiário ou até conseqüências mais graves pela falta de tratamento adequado. Para preservar a continuidade da empresa, a ANS, avalia a situação financeira das operadoras, averiguando a capacidade da empresa em honrar seus compromissos de curto prazo, o volume de recursos próprios e a sua saúde financeira. São avaliadas por meio de indicadores que devem ser confiáveis, viáveis e com relevância, tudo isto com o intuito de garantir a continuidade da empresa e o atendimento de qualidade ao beneficiário. O resultado da avaliação é informado às Operadoras de Planos de Saúde.

2.2 ESTRUTURA DOS INDICADORES FINANCEIROS

Para avaliar o desempenho e a solidez de empresas, deverão ser selecionados indicadores que permitam conhecê-los em cada período. Silva (2010, p. 9) corrobora expondo que a análise financeira sempre esteve ligada à necessidade de identificação da solidez e desempenho das empresas. A relevância desta análise deve estar em função do objetivo a que se queira chegar e que os índices financeiros são utilizados para aferir o desempenho das empresas, seja relacionando-os com os indicadores apurados em períodos passados ou com valores apresentados por outras empresas em um mesmo setor e atividade. (Assaf Neto 2010, p. 158).

Um indicador de desempenho pode ser um índice, uma taxa, um quociente, utilizado em comparações entre intervalos de tempo regulares. Os índices constituem a técnica mais utilizada e sua característica fundamental é “fornecer uma visão ampla da situação econômica ou financeira da empresa” (MATARAZZO, 1998, p. 153), servem de medida para diversos aspectos econômicos e financeiros.

Diversos autores têm realizado estudos acerca dos índices e indicadores de desempenho, procurando explicitar sua importância e utilização em diversos temas e áreas. Ao estudar esses índices contábeis, Nunes (2010) verificou a possibilidade de haver diferenças entre as empresas sustentáveis com relação à empresas semelhantes consideradas não sustentáveis. Os índices foram divididos nas categorias de risco e retorno e seus resultados indicaram que não existem diferenças captadas pelos indicadores contábeis entre os dois tipos de sociedade.

No setor de saúde suplementar no Brasil, Soares (2006) analisou os indicadores de avaliação de desempenho e verificou que os indicadores financeiros são relevantes para avaliar e classificar o desempenho das empresas do setor, também considera que esses indicadores possuem relevância na avaliação e no desempenho dessas empresas.

Ainda com relação aos indicadores de desempenho, Anuatti-Neto *et al* (2005) focalizaram em seus estudos o efeito da privatização sobre as empresas privadas no Brasil, examinaram indicadores de desempenho para capturar os efeitos da privatização sobre o desempenho dessas empresas e detectaram um aumento na lucratividade e na eficiência operacional das empresas analisadas após essa privatização.

2.3 DIMENSÕES EMPÍRICAS DOS INDICADORES FINANCEIROS

As medidas de desempenho são estudadas por diversos autores e em diversos enfoques. A origem dos estudos de desempenho é citada no trabalho de Rouse (2003). Segundo o autor, esta origem se deu pelos trabalhos seminais de Antony (1965). Nos estudos de Rouse (2003) está proposto um quadro de medição que contribuem para o desenvolvimento dessas medidas, esta estrutura oferece uma visão macro e micro da organização e permite um resumo de alto nível pelas medições de desempenho em três dimensões: medidas, análise e avaliação.

³⁴ Conhecimento Interativo, São José dos Pinhais, PR, v. 7, n. 1, p. 30-47, jan./jun. 2013.

Outro estudo que faz referência ao assunto é Neely (2005) que realiza uma revisão da literatura em projetos do sistema de medidas de desempenho. Seu estudo emprega uma análise de citações de trabalhos sobre o assunto e explora seu desenvolvimento em todo o mundo. Identificou os principais autores que contribuíram para o enriquecimento do campo auxiliando, desta forma, outros a compreender como estes estudos sobre medidas de desempenho se desenvolveram, evoluíram e ainda, como seu estudo pode auxiliar em pesquisas futuras.

Também analisando o desempenho como ferramenta de gestão, Ferreira e Otley (2009) apresentaram o desempenho da estrutura da gestão de sistemas como uma ferramenta de pesquisas e descreveram a estrutura e operação dos sistemas de gestão de desempenho de uma forma mais ampla. Assim como Rouse (2003), também desenvolveram um quadro a partir de observações e da literatura existente e neste quadro apresentaram uma visão ampla de aspectos chave dos sistemas de gestão de desempenho. Esta ferramenta permite uma visão rápida e abrangente dos aspectos e usos do sistema de gestão de desempenho, também examina sua estrutura, funcionamento e utilização de uma forma mais abrangente. Para complementar este estudo, Broadbent e Laughlin (2009) desenvolveram um modelo conceitual sobre sistemas de gestão de desempenho com base nos trabalhos e percepções de Ferreira e Otley (2009). Este estudo tem sua ênfase na análise de fatores que influenciam a natureza dos sistemas de gestão de desempenho. Ao longo do estudo, assumiram que os mesmos possuem poder e autoridade para dirigir ou fazer uma tentativa de direcionar o comportamento das organizações.

Já mais recentemente, Veen-Cirks (2010) em seu estudo, analisou medidas de desempenho financeiro e não financeiros em um ambiente de produção e dependendo do tipo de uso, a importância de uma variedade dessas medidas. Mostrou a influência das estratégias de produção em níveis departamentais em uma avaliação em níveis de recompensa e a importância atribuída a essas medidas diferentes. Suas conclusões resultaram em uma desconexão entre o sistema de medidas de desempenho para a avaliação e as medidas que base para a recompensa.

3 METODOLOGIA

A pesquisa realizada caracteriza-se como um estudo descritivo (COOPER, SCHINDLER, 2003) e quantitativo (RICHARDSON 1999). Também é caracterizado como exploratório, pois busca aprofundamento dos conceitos preliminares do assunto (Raupp & Beuren, 2003, p. 80), isto se deve ao fato do assunto ser pouco explorado.

O total de OPS no período do estudo foi de 1.183 com e sem beneficiários, porém algumas OPS não reportaram suas informações no tempo estipulado à ANS ou suas informações foram consideradas inconsistentes. Também foi necessário retirar as informações que pudessem vir a distorcer o resultado, *outliers*. Assim, a amostra final ficou composta por 721 empresas e não houve separação entre o tamanho das mesmas.

O porte das operadoras é definido conforme a Resolução Normativa nº 159 da ANS e define-se pela quantidade de beneficiários que possui contrato; as de pequeno porte são as empresas que possuem até vinte mil beneficiários, as de médio porte possuem de vinte mil até cem mil beneficiários e as de grande porte possuem acima de cem mil beneficiários.

A coleta de dados se deu por meio de levantamento das informações necessárias diretamente no *site* da agência reguladora do setor – ANS. Primeiramente foram coletados os dados das empresas separadamente e depois compilados em um único arquivo, referem-se ao exercício de 2010. São considerados secundários (MATTAR, 2005, p. 159), pois já foram tabulados e ordenados.

No que se refere aos índices utilizados na análise, estes visam evidenciar aspectos financeiros das empresas. Segundo Matarazzo (1998, p. 154), o importante não é uma quantidade grande de índices, mas um conjunto que permita conhecer a situação da empresa e conforme o grau de profundidade que se deseja conhecer. Inicialmente foram selecionados 15 indicadores para cada uma das empresas, que evidenciam a sua situação financeira e se dividem em indicadores de rentabilidade, liquidez e estrutura de capital. (Matarazzo, 1998, p. 156). Para identificar os grupos de fatores que estes indicadores compõem, foram submetidos à Análise Fatorial Exploratória com a utilização do programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 17.0.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As empresas que são objeto deste estudo estão distribuídas em todo o território nacional, mas em maior quantidade na região sudeste, com quase 40% da cobertura nacional. Segundo critérios da ANS as operadoras são classificadas em modalidades e conforme seu estatuto jurídico.

As Autogestões são as empresas que operam com destinação exclusiva aos seus empregados, não prestando serviços de assistência à saúde a pessoas que não possuam ligação com a empresa; as Cooperativas Médicas são sociedades sem fins lucrativos, que prestam serviços de assistência à saúde a qualquer tipo de pessoa, física ou jurídica; as Filantropias são entidades sem fins lucrativos, empresas consideradas de utilidade pública junto ao Ministério da Justiça ou junto aos Órgãos dos Governos Estaduais e Municipais; Medicina de Grupo são as demais empresas ou entidades que operam Planos Privados de Assistência à Saúde, que prestam serviços de assistência à saúde a todos os tipos de pessoas sejam físicas ou jurídicas (Resolução-ANS RDC nº 39/2000).

Para o estudo não foram utilizadas as empresas caracterizadas como administradoras, pois estas apenas administram os planos de saúde, não prestando qualquer tipo de assistência ao beneficiário; as cooperativas odontológicas e odontologia de grupo, pois não fazem parte do escopo do artigo. Foram selecionadas apenas as empresas que tratam da saúde dos beneficiários e as Seguradoras Especializadas em Saúde, pois estas atuam apenas como seguradoras e não prestam serviços de assistência aos beneficiários.

As operadoras selecionadas para o estudo estão distribuídas em todo o território nacional e a amostra é composta por todas as empresas que disponibilizaram suas informações para a agência reguladora do setor e a mesma as dispôs em seu site. Os dados referem-se ao fechamento do ano de 2010 e foram retirados diretamente do site da ANS e foram excluídos apenas os considerados *outliers* que poderiam vir a distorcer o resultado. Esses dados são disponibilizados pela ANS assim como características do setor individualizadas, por região e agrupados e podem ser acessados por qualquer pessoa interessada no assunto.

Após serem retirados os *outliers*, a amostra ficou composta por 721 empresas de pequeno, médio e grande porte.

4.1 ANÁLISE EXPLORATÓRIA DOS DADOS

Em primeira análise é fundamental fazer uma revisão dos dados para que as estatísticas calculadas tenham credibilidade e evitem conclusões erradas. A validação dos dados passa pelas estatísticas descritivas, nas quais descrevem a amostra utilizada no estudo e contemplam um conjunto de estatísticas importantes. A tabela 1 apresenta algumas dessas estatísticas descritivas que foram calculadas individualmente para cada índice.

TABELA 1 – ESTATÍSTICA DESCRITIVA

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão	Variância
ROA	769	-1,44	1,00	0,0369	0,17364	0,030
ROE	769	-9,13	11,58	0,0938	0,97645	0,953
MLB	767	-5,41	19,50	0,4863	1,33643	1,786
MLO	765	-1,44	1,70	0,0166	0,20096	0,040
MLL	764	-1,57	1,56	0,0339	0,19545	0,038
MARG_EBITDA	767	-1,15	3,00	0,1058	0,26733	0,071
IMOB	723	-0,06	0,70	0,0581	0,10828	0,012
ENDIV	770	0,02	4,06	0,6344	0,40729	0,166
CE	771	0,00	1,00	0,6726	0,24796	0,061
CTCP	771	-37,20	78,59	2,7175	7,65941	58,666
GAT	771	0,00	16,05	1,8065	1,40943	1,986
LG	771	0,00	48,63	1,8769	3,22575	10,405
LC	771	0,00	74,45	2,2929	4,16160	17,319

Fonte: Resultado da pesquisa – *output* do SPSS 17.0

Pela tabela 1 – Estatística descritiva evidenciam-se a amostra do estudo e os índices. Os valores mínimos e máximos identificam os valores menores e maiores de cada índice da amostra. A média é representada pelo somatório dos índices divididos pela soma dos mesmos, a variância é representada pelo somatório da diferença entre os elementos de um conjunto e sua média aritmética, posteriormente divididos pela quantidade de números do conjunto e o desvio padrão é a raiz quadrada da variância.

4.1.1 Tratamento dos indicadores financeiro das OPS

Após serem retirados os *outliers*, procedeu-se a aplicação da Análise Fatorial, inicialmente com os 15 indicadores e 721 empresas. O teste KMO (*Kaiser-Meyer-Olkin*

Measure of Sampling Adequacy) indica o grau de explicação dos dados a partir de fatores encontrados na Análise Fatorial e é indicado um valor acima de 0,6 (Field, 2009), e o teste de *Bartlett's* obteve um nível de significância de 0,000, indicando se a relação existente entre os indicadores e validando o modelo. O recomendado é um valor superior a 0,05. Isto pode ser observado na tabela 2.

TABELA 2 – TESTES KMO E BARTLETT'S COM INDICADORES DA ANS

KMO and Bartlett's Test

Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy.	0,625
Approx. Chi-Square	3072,119
Bartlett's Test of Sphericity	105
Sig.	,000

Fonte: Resultado da pesquisa – *output* do SPSS 17.0

Como pode ser observado na tabela 2, o modelo é considerado indicado para o conjunto de indicadores, pois o teste KMO possui valor 0,625. Na tentativa com todos os indicadores, são identificados variáveis com poder baixo de explicação, que são obtidos através da tabela 3 - comunalidades.

TABELA 3 – COMUNALIDADES COM INDICADORES DA ANS

	Initial	Extraction
ROA	1,000	0,703
ROE	1,000	0,697
MLB	1,000	0,823
MLO	1,000	0,748
MLL	1,000	0,847
MARG_EBITDA	1,000	0,830
IMOB	1,000	0,903
ENDIV	1,000	0,772
CE	1,000	0,860
CTCP	1,000	0,765
GAT	1,000	0,785
LG	1,000	0,683
LC	1,000	0,760
ILNCG	1,000	0,452
LI	1,000	0,447

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Fonte: Resultado da pesquisa – *output* do SPSS 17.0

Os valores constantes na tabela 3 e que são inferiores a 0,50 são considerados muito baixos para a análise, comunalidades menores que 0,50 não possuem explicação suficiente

(HAIR *et al*, 2005, p. 108) e podem ser retirados da análise. Através deste critério, foi excluído, primeiramente, da análise o indicador LI – liquidez imediata.

Outra análise ainda a ser feita antes de refazer os testes do modelo é o grau de explicação que os 6 fatores indicados pela Análise Fatorial atingem. Este valor pode ser observado na tabela 4 Variância Total Explicada.

TABELA 4 – VARIÂNCIA EXPLICADA COM OS INDICADORES DA ANS

Componente	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings			Rotation Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	3,340	22,265	22,265	3,340	22,265	22,265	2,564	17,094	17,094
2	1,827	12,181	34,446	1,827	12,181	34,446	1,703	11,356	28,451
3	1,482	9,882	44,329	1,482	9,882	44,329	1,509	10,058	38,508
4	1,253	8,350	52,679	1,253	8,350	52,679	1,498	9,986	48,494
5	1,137	7,583	60,262	1,137	7,583	60,262	1,461	9,739	58,233
6	1,033	6,887	67,149	1,033	6,887	67,149	1,304	8,696	66,929
7	1,003	6,689	73,838	1,003	6,689	73,838	1,036	6,909	73,838
8	0,892	5,949	79,786						
9	0,827	5,510	85,297						
10	0,607	4,046	89,343						
11	0,503	3,354	92,697						
12	0,366	2,443	95,140						
13	0,339	2,257	97,396						
14	0,238	1,587	98,983						
15	0,153	1,017	100,000						

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Fonte: Resultado da pesquisa – *output* do SPSS 17.0

Ao analisar a tabela 4 – Variância Total Explicada verifica-se que o modelo consegue explicar aproximadamente 74% da variância dos dados originais, apesar da fraca relação entre alguns indicadores. Após a retirada do indicador LI, foi procedido novamente o teste para se obter a análise fatorial satisfatória.

Após proceder a análise com os 14 indicadores, o modelo é considerado indicado para o conjunto de indicadores, pois o teste KMO possui valor 0,621 e também se apresentou significativo. Porém, novamente são identificados variáveis com poder baixo de explicação, que são obtidos através das comunalidades. Desta vez, o indicador ILNCG apresentou um valor de 0,339, muito abaixo do recomendado que é de 0,50. Portanto optou-se por retirá-lo da análise. Novamente antes de se refazer os testes, foi analisada a variância explicada pelo modelo. Verifica-se que o modelo consegue explicar aproximadamente 72% da variância total dos dados originais, um pouco abaixo da tentativa com os 15 indicadores que apresentou

poder de explicação de aproximadamente 74%, mas procedeu-se a análise agora com 13 indicadores, retirando o indicador INLCG.

Procedido novamente o teste para verificar se a análise fatorial é considerada satisfatória, o teste KMO apesar de uma leve baixa, permaneceu aceitável com um valor de 0,617 e o teste de esfericidade continuou validando o modelo e mostrando-se significativo. Procedendo a análise as comunalidades mostram-se com todos os indicadores com poder de explicação acima de 0,50. Desta forma evidencia-se que não há mais indicadores que careçam ser retirados da análise.

Ao se analisar o poder de explicação dos fatores do modelo, verifica-se que houve uma alta significativa, passando de aproximadamente 72% para 75,70%, um aumento de mais de 3%. Esta situação pode ser verificada na tabela 5 - Variância Total Explicada.

TABELA 5 - VARIÂNCIA EXPLICADA COM OS INDICADORES DA ANS

Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings			Rotation Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	3,288	25,294	25,294	3,288	25,294	25,294	2,599	19,993	19,993
2	1,722	13,248	38,542	1,722	13,248	38,542	2,142	16,479	36,472
3	1,458	11,218	49,760	1,458	11,218	49,760	1,446	11,123	47,595
4	1,237	9,515	59,274	1,237	9,515	59,274	1,311	10,084	57,680
5	1,105	8,498	67,772	1,105	8,498	67,772	1,302	10,013	67,693
6	1,031	7,933	75,706	1,031	7,933	75,706	1,042	8,013	75,706
7	0,934	7,186	82,892						
8	0,610	4,694	87,586						
9	0,506	3,892	91,477						
10	0,368	2,827	94,305						
11	0,346	2,658	96,963						
12	0,241	1,858	98,821						
13	0,153	1,179	100,000						

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Fonte: Resultado da pesquisa – *output* do SPSS 17.0

Sendo assim, acredita-se ter encontrado um grau de explicação dos indicadores útil para a avaliação das empresas Operadoras de Planos de Saúde.

O próximo passo se dá pela identificação dos fatores resultantes do modelo. Através da análise da tabela Matriz de Componentes, que mostra 6 fatores. Porém tais fatores são de difícil caracterização e valores muito próximos, deixando dúvidas quanto à quais indicadores irão compor cada fator. Por este motivo, devido à dificuldade de identificar os indicadores em seus devidos fatores, foi necessário proceder com sua rotação, neste caso foi realizada pelo critério *Varimax* que é um tipo de rotação ortogonal e tem como característica o fato da

minimização da ocorrência de variáveis possuírem altas cargas fatoriais em diferentes fatores (BEZERRA 2007, p. 89). O resultado pode ser verificado na tabela 6 Matriz Rotacionada de Componentes.

TABELA 6 – MATRIZ ROTACIONADA DOS INDICADORES DA ANS

	Component					
	1	2	3	4	5	6
ROA	0,710					
ROE					0,757	
MLB			0,888			
MLO	0,837					
MLL	0,866					
MARG_EBITDA	0,676					
IMOB						-0,866
ENDIV		-0,686				
CE				0,919		
CTCP					-0,846	
GAT				0,544		
LG		0,801				
LC		0,753				

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

a. Rotation converged in 9 iterations.

Fonte: Resultado da pesquisa – *output* do SPSS 17.0

Após a rotação fez-se a análise dos 6 fatores identificados pela análise fatorial e que estão compostos da seguinte maneira:

A interpretação dos fatores do modelo se dá da seguinte forma: O primeiro fator como sendo o fator “Rentabilidade”. O fator 2 como sendo o “Liquidez”. O fator 3 como sendo o “Lucro Bruto”. O fator 4 como sendo o “Composição da dívida”. O fator 5 como sendo “Capital Próprio”. O fator 6 como sendo “Imobilização”.

Na interpretação dos fatores consegue-se identificar o quanto cada fator explica do total do modelo. O primeiro fator, “Rentabilidade”, tem poder de explicação de 25,29% do modelo e é composto pelos seguintes indicadores: MLL (Margem de Lucro Bruto), MLO (Margem de Lucro Operacional), ROA (Retorno sobre o Ativo) e MARG. EBITDA. Esses indicadores estão relacionados com o lucro da empresa e o fato de estarem no fator 1 indica que o setor está mais preocupado com seu lucro.

O fator 2 “Liquidez” explica 13,25% do modelo e é representado pelos indicadores: LG (Liquidez Geral), LC (Liquidez Corrente), ENDIV (Endividamento Total). Os índices de liquidez formam um indicador da capacidade de pagamento das dívidas das empresas (Silva, 2010, p. 283) e mostram a relação entre o ativo total e as exigências totais (ANS, 2010). No fator 2, o endividamento e a liquidez aparecem inversas, significando que empresas que possuem maior liquidez têm endividamento menor.

O fator 3, o “Lucro Bruto” é composto apenas pelo indicador MLB (Margem de Lucro Bruto), indicando que o mesmo não possui relação com os outros indicadores e seu percentual representativo do modelo é de 11,22%.

O fator 4 “Composição da dívida” explica 9,51% do modelo e é composto pelos índices: CE (Composição do Endividamento) e GAT (Giro do Ativo Total). A composição do endividamento “indica quanto da dívida total deverá ser paga a curto prazo” (SILVA, 2010, p. 272) e o giro do ativo é um indicador da atividade da empresa, demonstra como está a relação das vendas e os investimentos para se liquidar as dívidas no curto prazo.

O fator 5 “Capital Próprio” explica 8,5% do modelo e compreende os índices: CT/CP (Capital de Terceiros sobre Capital Próprio), ROE (Retorno sobre o Patrimônio Líquido). Através deste fator torna-se possível fazer uma comparação entre o capital próprio com os recursos de terceiros e o lucro. Neste caso, têm-se os índices inversos neste fator, informando que se aumenta o capital de terceiros, o lucro diminui.

O fator 6 “Imobilização”, composto apenas pelo indicador Imobilização do Ativo, não possuindo, também, relação com os outros indicadores e consegue explicar 7,93% do modelo é composto somente pelo índice IMOB (Imobilização do Ativo Total), que vai indicar o quanto a empresa está investindo em ativos permanentes.

Conclui-se que, os indicadores financeiros foram analisados e agrupados em 6 fatores que possuem o poder de explicação de mais de 75% do total. A importância deste acompanhamento deve-se ao fato da necessidade de monitoramento da saúde financeira do setor, tendo em vista que os resultados do Programa de Qualificação da ANS devem monitorar e privilegiar a transparência dos resultados, possibilitando análises mais profundas do seu desempenho.

Os indicadores excluídos da análise (LI e INLCG), antes de serem excluídos, passaram por testes para verificar se estavam corretas suas exclusões. Porém não foi encontrada

nenhuma relação destes indicadores e foi verificado que os mesmos diminuía o poder de explicação do modelo, procedendo desta forma suas exclusões.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS, LIMITAÇÕES E SUGESTÕES PARA ESTUDOS FUTUROS.

Este trabalho teve por finalidade identificar o perfil financeiro das Operadoras de Planos de Saúde. Durante o estudo, seleção dos indicadores e utilização da técnica estatística, percebeu-se que para as Operadoras de Planos de Saúde, manter um bom desempenho é fundamental para sua continuidade, visto que são monitoradas e avaliadas pela agência reguladora do setor. A utilização dos fatores apontados pela análise fatorial auxilia no monitoramento dos indicadores financeiros, e define um perfil das mesmas, sendo este composto pelos 6 fatores encontrados na Análise Fatorial Exploratória, sendo que o que mais se sobressai é o fator “rentabilidade”. Segundo a MM (REVISTA EXAME, 2006), “o maior peso atribuído ao item rentabilidade do patrimônio deve-se à premissa de que a função de uma empresa é a busca do lucro para a criação de valor”.

Diversos estudos já comprovaram a utilização da análise fatorial como uma importante técnica para a avaliação do desempenho de empresas. Considera-se, desta forma, que a contribuição dos fatores é de, sobretudo, auxiliar na identificação dos indicadores que são mais importantes para o acompanhamento e avaliação do desempenho das operadoras de planos de saúde.

Este estudo traz importantes considerações em relação ao setor de saúde privada, indicando que seu perfil está mais ligado, seguindo o raciocínio dos fatores apresentados pela Análise Fatorial Exploratória, à rentabilidade, seguido pela liquidez, lucro, o endividamento e por fim a imobilização. Deixando claro que é um setor de empresas que buscam maior rentabilidade e liquidez.

Consideram-se ainda, algumas limitações nos resultados encontrados. Isto ocorre em virtude dos dados utilizados terem sido informados por cada empresa, não sofrendo interferência nem do pesquisador nem da ANS e, portanto, não podendo ser verificados. Outra limitação está no fato do estudo, se replicado, pode não chegar aos mesmos resultados devido ao fato de os índices possuírem valores muito baixos, sofrendo mudanças mês a mês.

Apesar das limitações do estudo, podem ser sugeridos alguns estudos futuros, como a utilização da variável porte para separação em grupos das empresas, a utilização de índices diferentes e períodos diferentes para as análises. Em linhas gerais, o estudo possui uma lacuna que precisa ser preenchida com vários outros estudos.

REFERÊNCIAS

ANUATTI-NETO, Francisco; *et al.* Os efeitos da privatização sobre o desempenho econômico e financeiro das empresas privatizadas. **Revista Brasileira de Economia**. vol. 59. p. 151-175. abr./jun. 2005.

ANS. **Programa de qualificação da saúde suplementar**: nova perspectiva no processo de regulação. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.ans.gov.br/portal/site/_qualificacao/pdf/texto_base.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2010.

_____. Agência Nacional de Saúde Suplementar. **Caderno de informação da saúde suplementar**: beneficiários, operadoras e planos. Rio de Janeiro, dezembro/2011. Disponível em: <http://www.ans.gov.br/portal/upload/informacoesss/caderno_informaca_12_2011.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2011.

ASSAF NETO, Alexandre. **Estrutura e análise de balanços**: um enfoque econômico-financeiro. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

BEZERRA, Francisco Antonio. Análise Fatorial. In: CORRAR, Luiz J.; PAULO, Edilson; DIAS FILHO, Jose Maria. **Análise multivariada para os cursos de administração, ciências contábeis e economia**. São Paulo: Atlas, 2007.

Brasil. Lei 9.656/98, de 03 de junho de 1998. Dispõe sobre os planos e seguros privados de assistência à saúde. **Diário Oficial da União**, Brasília, 03 jun. 1998. Disponível em: <<http://www.ans.gov.br>>. Acesso em: 15 nov. 2011.

_____. Resolução Normativa nº 159, de 03 de julho de 2007. Dispõe sobre aceitação, registro, vinculação, custódia movimentação e diversificação dos ativos garantidores das operadoras e do mantenedor de entidade de autogestão no âmbito do sistema de saúde suplementar. **Diário Oficial da União**, Brasília, 04 jul. 2007. Disponível em: <http://www.ans.gov.br/portal/site/legislacao/legislacao_integra.asp?id=1016&id_original=0> Acesso em: 23 nov. 2011.

_____. Lei 9.961/00, de 28 de janeiro de 2000. Cria a Agência Nacional de Saúde Suplementar – ANS e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 28 jan. 2000. Disponível em <<http://www.ans.gov.br>> Acesso em: 15 nov. 2011.

_____. Agência Nacional de Saúde Suplementar. **Resolução de Diretoria Colegiada – RDC nº 39**, de 27 de outubro de 2000. Dispõe sobre a definição, a segmentação e a classificação das Operadoras de Planos de Assistência à Saúde. Disponível em: <<http://www.ans.gov.br>> Acesso em: 27 jan. 2012.

BROADBENT, J., LAUGHLIN, R. Performance management systems: A conceptual model. **Management Accounting Research**, vol. 20, p. 283–295, 2009.

COOPER, Donald R.; SCHINDLER, Pamela S. **Métodos de pesquisa em administração**. 7. ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.

FERREIRA, Aldonio; OTLEY, David. The design and use of performance management systems: An extended framework for analysis. **Management Accounting Research**. vol. 20. n. 4. p. 263-282. Dec. 2009.

FIELD, Andy. **Descobrendo a estatística usando o SPSS**. Tradução de: VIALI, Lori. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

HAIR JR, Joseph F., *et al.* **Análise multivariada de dados**. Tradução de: SANT'ANNA, Adonai Schlup; CHAVES NETO, Anselmo. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

MATARAZZO, Dante C. **Análise Financeira de Balanços**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

MATTAR, Frauze Najib. **Pesquisa de Marketing: metodologia e planejamento**. São Paulo: Atlas, 2005.

NEELY, A. The evolution of performance measurement research: Developments in the last decade and a research agenda for next. **International Journal of Operations & Production Management**, v.25, n.12, p.1264-1277. 2005.

NUNES, Tania Cristina Silva. **Indicadores contábeis como medidas de risco e retorno diferenciados de empresas sustentáveis: um estudo no mercado brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Controladoria e Contabilidade) Programa de Pós-Graduação em Contabilidade e Atuária da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade. Universidade de São Paulo, 2010.

REVISTA EXAME, **Melhores e Maiores: as 500 maiores empresas do Brasil**. São Paulo, Editora Abril, ano 40, n. 12, julho/2006.

SILVA, José Pereira da. **Análise financeira das empresas**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

SOARES, Maria Aparecida. **Análise de indicadores de desempenho econômico-financeiro de operadoras de planos de saúde brasileiras: Uma aplicação da análise fatorial**. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) Programa de Pós-Graduação em Contabilidade e Atuária da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade. Universidade de São Paulo, 2006.

RAUPP, Fabiano Maury; BEUREN, Ilse Maria. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais. In: BEUREN, Ilse Maria (Org.) **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade**. São Paulo: Atlas, 2008. p. 76-97.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

VEEN-DIRKS, P. V. Different uses of performance measures: The evaluation versus reward of production managers. **Accounting, Organizations and Society**, v. 35, p. 141–164. 2010.

ROUSE, P. e M. Putterill. An integral framework for performance measurement. **Mangement Decision**, v.41, n.8, p.791-805. 2003.